

Paes, José Paulo. *O lugar do outro*. Rio: Topbooks, 1999. 213pp.

O lugar do outro é um livro póstumo de José Paulo Paes, decidido durante sua vida e de forma incisiva. José Paulo sempre exercitou o ensaio, na discussão livre, breve e clara do gênero, aqui manifestado em 38 estudos distribuídos em três seções: Outridades, Circunstantialidades e Helenidades.

O primeiro ensaio nomeia esta obra e define outridades a partir de considerações sobre o romance sustentadas por E.M.Forster e Edwin Muir, em *Aspects of the novel* e *The structure of the novel*, respectivamente. O tecido romancesco, para Paes, leitor de Forster e Muir, é densamente trabalhado no espaço, num certo compasso e no tempo, com duração e abrangência. No romance de ação, o compasso é mais durativo; no de caracteres, mais abrangente, e no dramático, o compasso tensiona a ação e os caracteres, visando transformações. O fio fabular é expandido nos romances de ação e de caracteres; contido, todavia, intenso, no romance dramático. Tais atitudes literárias ressaltam, precisamente, para o ensaísta, as outridades, “a experiência da outridade”, “a representação literária da outridade”, pela “força” da “exemplaridade” das personagens, nas suas pulsões, compulsões e motivações.

Dezessete outros ensaios envolvem-se com outridades. Stevenson é analisado por meio de duas de suas narrativas, *A ilha do tesouro* e *Seqüestrado*, como um autor que encena arquétipos do inconsciente humano, seus desejos mais recônditos, nos mundos adolescente e adulto, em que num “tempo mítico da aventura”, o “herói juvenil jamais pode ser vencido pelos vilões do mundo adulto”. Três das *Histórias sobrenaturais* - “Eles”, “A casa dos pedidos” e “Jirinqixá fantasma” - de Kipling, na tradução do escritor José J. Veiga, são comentadas e destacadas como exemplares de sua “prosa elíptica”, em que o “paranormal transcende, por definição, a esfera do normal ou natural”. Kipling e Maupassant influenciam, segundo Paes, um autor brasileiro de sua predileção, Monteiro Lobato, cuja outridade está no embate de suas paixões literárias e empresariais.

Lygia Fagundes Telles, com *A noite escura e mais eu*, é destacada pela maneira como trabalha seus contos de forma emblemática, simbólica, figurativa. Rubem Fonseca é comentado pelo seu livro de contos *Romance negro e outras histórias*, em que manifesta sua habilidade com os procedimentos da paródia, do exagero, e do desenlace melodramático. José Paulo analisa também o segundo romance do sergipano Francisco J. Dantas, *Os Desvalidos*, fábula de antigesta, segundo o ensaísta, que narra a degradação de um modelo econômico, o do engenho de açúcar. A análise realizada em *Boca de chafariz*, romance de Rui Mourão, revela-nos saborosas outridades: personagens históricas da Ouro Preto da Inconfidência atuam noutra situação histórica, de 1979, ano em que a cidade foi castigada por uma enchente. Nessa versão, as personagens de Mourão assumem a “persona de seus personagens históricos para, conhecendo-os interiormente, figurar-lhes a essencial humanidade”.

A outridade, segundo Paes, invade também autorias. Assim, comenta a ficção de autores criados “dentro de duas línguas-culturas diversas”, no caso, Per Jonhs e Moacyr Scliar. O primeiro, com o romance *Cemitérios marinhos às vezes são festivos*, em que dramatiza a vida do seu protagonista “entre o rigor luterano do mundo nórdico e a complacência católico-feitichista do trópico brasileiro”. O segundo, *A majestade do Xingu*, em que Scliar constrói uma paródia que tem como personagem o índio e nela o “humor judaico” forja satiricamente uma teoria do ecomarxismo, com todas as vantagens de uma “passagem direta do comunismo primitivo para o científico”.

Tratado da altura das estrelas, de Sinval Medina, é outra paródia que envolve a análise de Paulo Paes. Nela, João Carvalho, piloto da nau capitânea de Fernão Magalhães

e seu filho mameluco, Carvalhinho, viajam em torno do globo, com passagem pelo Rio de Janeiro.

Nas demais discussões para a prosa em *Outridades*, hiper-realismo, realismo e mito dão o tom. Dessa maneira, José Paulo analisa *Benjamin*, de Chico Buarque, em que a lógica da narrativa obedece às exigências do comportamento errático do protagonista. Em *Mulher fatal*, livro de contos de Jorge Miguel Marinho, o ensaísta comenta a forma como o histórico orienta as fábulas, uma vez que as personagens de ficção são determinadas pelas reais: Edith Piaf, Carmem Miranda, Marilyn Monroe, Elis Regina, Fernando Pessoa, Helena de Tróia, Dalila, Cleópatra e Josephine Baker. O ensaísta recupera, descrevendo *Contos de cidadezinha*, de Ruth Guimarães, encenados no Vale do Paraíba, “o ethos da vida da cidade pequena”, na esteira de Valdomiro Silveira, Monteiro Lobato e Ribeiro Couto. Os mitos exemplares de *A guerra dos pinguelos*, da antropóloga Betty Mindlin, em 67 contos eróticos indígenas entre os povos Macurap, Tupari, Jabuti, Aruá, Arikapu e Ajuru, de Rondônia, para Paes, espelham a universalidade de uma imaginação mitopoética.

A poesia aparece nos comentários que Paulo Paes faz de *A lua investirá com seus chifres*, de Ruy Proença; *Sistema de erros*, de Fábio Weintraub; *Ocidentais* e *O súbito cenário*, de Roberval Pereyr, poesias que, segundo o ensaísta, dão continuidade às de 1922. O fluxo surrealista na primeira obra, a visualidade na segunda e o epigramático na última, de acordo com Paes, testemunham os bons momentos que inspiram a poesia nacional. Para o ensaísta, lirismo e reflexão pautam a visão irônica do mundo de Rubens Rodrigues Torres Filho, em *Novovolume*, uma reunião de 34 anos de atividade poética.

A outridade apodera-se também dos críticos, principalmente dos idiossincráticos, como no caso de Wilson Martins, com *Pontos de vista*, volume 12. Avesso ao marxismo, sempre propenso à crítica jornalística e não à universitária, Paes ressalta em Martins seus *insights*, dos quais decorre uma crítica apaixonada.

As Circunstancialidades não tiram do crítico o seu propósito ensaístico. No primeiro texto dessa seção, José Paulo expõe, de forma lírica, suas relações afetivas com a cidade de São Paulo, em quase meio século de convivência, somente interrompida por quatro anos durante seus estudos de química industrial. Nesse período, década de 40, em Curitiba, é que conhece Dalton Trevisan, em meio a circunstancialidades reveladas no segundo texto da seção. Os demais textos combatem a mediocridade do imaginário da classe média, perpassado pelo tarô e por mapas astrológicos; da mídia, no uso inadequado da figura de Carlitos para veiculação de uma propaganda de aplicação financeira e, até, no anúncio do computador como saída para a administração da vida contemporânea. Nesse mundo em que a vida parece estar na rede de comunicação entre computadores e nas mãos de Bill Gates, a língua inglesa, segundo o crítico, transformouse numa língua de marketing e o poder imperativo da linguagem jurídica transformou-nos em réus. Contra essa anodinia, Paulo Paes recomenda, finalizando a seção das Circunstancialidades, um antídoto: *Por que ler os clássicos?*, de Ítalo Calvino.

Helenidades, com dois ensaios, dá fecho à obra com a literatura grega. No primeiro texto, José Paulo comenta sua tradução do grego para o português, do poema *Escrita gama*, de Mando Aravandinou, poetisa neo-helênica, que o ensaísta conheceu em Atenas, em 1971. *Escrita gama* tem como tema a violência ocorrida na Grécia quando, em 1965, Constantino II pôs fim à democracia e abriu caminho à ditadura militar. No poema, que se encontra transcrito no estudo, a violência apresenta-se transfigurada por um jogo

metafórico, que recupera a memória num verdadeiro “inventário cívico”, conforme o tradutor. Simone Weil é o motivo do último ensaio e, nele, a saborosa noção de epopéia da escritora, que lê a *Iliada*, tanto voltada para o passado grego, como para as pulsões do presente da história humana.

Luiz Gonzaga Marchezan
UNESP

Armstrong, Piers. *Third World Literary Fortunes: Brazilian Culture and Its International Reception*. Cranbury, NJ: Bucknell UP, 1999. 262 pp. Notes. Bibliography. Index.

O livro de Piers Armstrong estuda a literatura brasileira a partir do século XIX até a contemporaneidade. Busca os fundamentos sócio-culturais que contribuíram para a recepção desta literatura no exterior, incorporando os contextos referentes à história, à política e à cultura.

Na introdução, ele situa o Brasil em relação à América Latina a partir da discussão sobre a costumeira exclusão do país do contexto geral latino-americano através de cinco perguntas. A primeira questiona o uso dos termos América Latina e América Espanhola de maneira indistinta, o que exclui o Brasil da discussão sobre a literatura latino-americana. A distinção entre os termos é essencial para o estudo de Armstrong.

Para o autor, um objeto literário resulta da gestão e recepção do trabalho. Assim, a literatura brasileira conhecida no exterior limita-se ao que o público recebe (ou aceita receber). Portanto, o cânone altera-se por fatores exteriores ao valor literário da obra que tornam a percepção literária mais complexa. Constata-se, então, que a literatura brasileira e a dos demais países da América Espanhola tiveram diferentes recepções no exterior. Para sua análise, Armstrong discute os casos de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Jorge Amado, e Carlos Drummond de Andrade, criando um grupo seletivo para o estudo aprofundado, onde não figura nenhuma mulher, já que Clarice Lispector é apenas citada de passagem.

No primeiro capítulo, sobre o caráter histórico da literatura brasileira moderna no contexto da América Latina, Armstrong compara o desenvolvimento literário recente do Brasil com os países da América Espanhola. Depois, explica que a obra de um autor pode ter uma recepção no país de origem e outra fora, citando Guimarães Rosa, cuja recepção doméstica foi positiva e a internacional negativa. Armstrong acredita que o teor das literaturas influencia a recepção, e sendo a literatura brasileira menos essencialista (termo que desenvolve no quarto capítulo), ela tem recepção menor. Entretanto, o anti-essencialismo brasileiro não é obedecido por Jorge Amado, que segue um essencialismo conforme a tradição sócio-antropológica do gosto internacional, tendo assim uma recepção maior. Um critério de diferenciação entre as literaturas vem do modernismo (*Modernismo* no Brasil e *Vanguardismo* nos outros países). Para sua análise, Armstrong utiliza escritores a partir do pré-realismo citando José de Alencar, Aluizio de Azevedo, Machado de Assis, Lima Barreto, e Cruz e Souza. Chega ao modernismo: de 22 com Mário de Andrade e Oswald de Andrade, de 30 com Graciliano Ramos e Jorge Amado, até 45 com Guimarães Rosa, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto.

O segundo capítulo contém detalhes da vida e obra de Guimarães Rosa, Machado de Assis, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado. Os dados fornecidos nas breves biografias servem como contextualização que ajudam no entendimento da obra de cada autor, fornecendo a base para o terceiro capítulo, onde